

viva
o
povo!

INSTITUTO DE TECNOLOGIA
EDUCATIVA

CD25A

viva o povo!



Nº 8341

CD25A

P R E F Á C I O

Companheiro alfabetizador:

Esta cartilha vem apenas satisfazer uma necessidade inadiável. Não é, portanto, um texto a aplicar mecanicamente, mas um esquema de trabalho adaptável à região, ao número e ao nível de formação dos alfabetizandos (e dos alfabetizadores).

Ela representa o fruto de uma acção experimental iniciada em S. João do Campo (na Escola-Piloto do Vale do Mondego) e continuada noutras comunidades.

Esperamos ver alguns dos seus desacertos e insuficiências mais incômodos superados, graças à vossa ajuda, em edição ulterior.

Para usar esta cartilha, basta ter firme o passo — o método é muito simples e o equipamento auto-fabricável. Recordamos os seguintes pontos:

1) antes de começar, peça aos primeiros inscritos que o ajudem a fazer o levantamento dos analfabetos da comunidade, discriminando a idade, o sexo e os antecedentes, o tipo de ocupação, o tempo disponível depois do trabalho, se há ou não filhos pequenos a criar; estude os horários e grupos a atender: todo o núcleo de alfabetização se deve encaminhar desde o início para a organização de um jardim de infância em que se apoie, para libertar do seu fardo a mulher, para incentivar a criação infantil e a inserção das crianças na colectividade. Os pais alfabetizados têm de aprender a cuidar delas e a instrui-

-las. Os deficientes devem ser apoiados.

2) prepare, em conjunto com o povo, as estruturas de alfabetização;

- por um lado, a sala e o mobiliário, incluindo uma biblioteca incipiente; um quadro e/ou um flanelógrafo; cartilhas, cubos silabários, insensor de sílabas e diapositivos manuais (ver os esquemas e o folheto "Equipamento Audiovisual" do I.T.E.);

- por outro lado, reúna e prepare de modo sistemático (umas horas, às vezes, podem bastar) os ajudantes de alfabetização, se os houver — que a todo o que sabe mais lhe seja dado repartir com o que sabe menos — recordando que alfabetizar é, acima de tudo, uma acção política (embora não partidária), e que o diálogo diário sobre a realidade circundante não pode ser eliminado.

3) exponha a cada novo aluno os objectivos da alfabetização e da pós-alfabetização, sempre inseridos num exame da realidade económica, social e sanitária da localidade.

4) todo o núcleo de estudo e acção social "alfabetizandos — alfabetizadores" deve constituir um grupo de trabalho em função do desenvolvimento da colectividade e deve tentar, desde o início, atribuir-se tarefas comuns, imediatas, e eleger responsáveis que ajudem a levar essas tarefas a cabo.

5) todo o núcleo de alfabetização deve contribuir para o levanta-

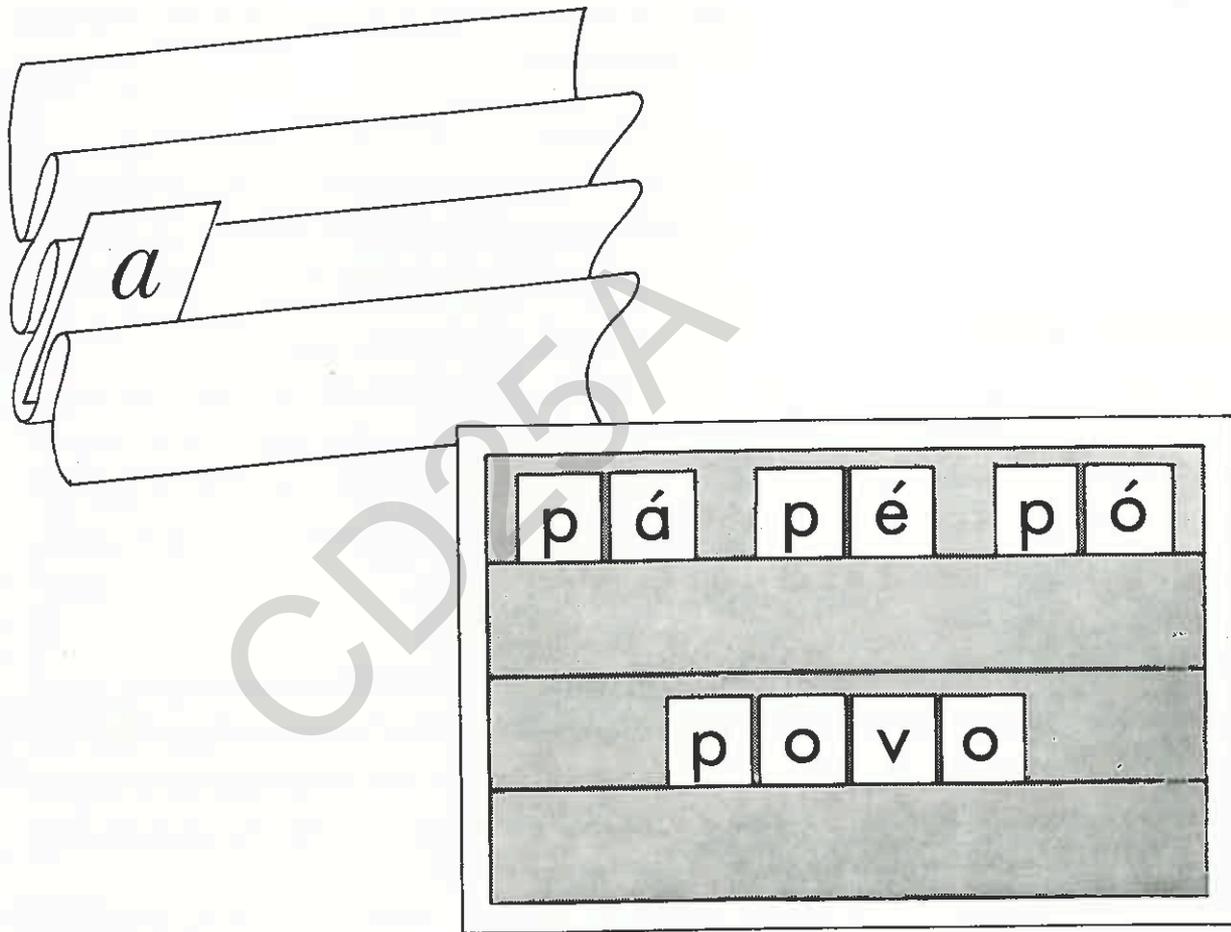
tamento do vocabulário regional de trabalho; nesse sentido, o alfabetizador de verá destacar, desde a primeira aula, a importância e a dignidade da vivência e da tradição oral veiculadas pelo analfabeto.

Guia de trabalho:

1) alfabetize lentamente (cada página levará, sensatamente, uma, duas, três ou mais aulas); repita a si próprio todos os dias: "Devagar que tenho pressa". Não caia na tentação de ir para a frente sem se assegurar de que o material anterior (escrita, leitura e comentário formativo) foi totalmente digerido;

2) a partir da segunda ou da terceira lição, deve proceder à confecção de cubos silabários (em madeira ou cartolina), tendo numa face uma letra e nas outras cinco as sílabas respectivas (ou os ditongos). Outro material pode ser o de simples fichas em cartolina, com sílabas, e um quadro de inserção

que pode ser assim:



3) o jogo de sílabas deve ser posterior à identificação global de cada palavra geradora (que, no texto, aparece enquadrada). Crie outras palavras geradoras a partir do diálogo diário, das quais surgirá o "universo vocabular local".

4) a introdução de letras deve ser feita após cuidadosa pesquisa do aluno, comparando sílabas, criando vocábulos, até à descoberta da letra comum e significativa;

5) a escrita deve acompanhar o ensino oral desde a primeira aula. Ao findar a cartilha, ensine a redigir cartas, telegramas, envelopes, recibos, petições, sem grande preocupação de esbeltez caligráfica;

6) cada frase-chave deverá ser identificada, comentada, ilustrada com desenhos, fotos ou diapositivos manuais ou pré-fabricados: as frases e palavras apresentadas são apenas uma amostra. Incite os alunos a criarem palavras e a sugerirem frases (recolha e registre com aplauso as regionais). Nesta cartilha encontrará, por exemplo:

tala - descascador de verga

chanfana - carne de cabra assada

esgaravatar para a passagem da vida - ganhar o bastante para sobreviver

Seguir-se-á a esta cartilha um suplemento de cunho regional (A mão direita) sobre o trabalho do homem, assim como três livros de leitura: Um dia, uma vida (a da mulher), Estandarte da esperança (o acesso à terra), Vigilância da terra (protecção comunitária da natureza).

Guia de diálogo: Viva o povo (quem é o povo? quem são as classes trabalhadoras? na sua aldeia, bairro ou fábrica, há mais operários ou mais camponeses?

ou são ambas as coisas? porquê o "viva"? acha que o povo tem força? porquê ? como dar-lhe mais força? como assegurar o seu acesso ao poder?) Viva a paz (quem esteve na guerra, entre os alunos? quem teve filhos ou parentes na guerra? quem faz a guerra? porque há guerras? há motivo para a paz entre os povos? os povos de África são antigos: quem os invadiu e oprimiu? quando? como? qual o primeiro estado africano a libertar-se? devem os povos conquistar a sua independência? as fronteiras são externas ou internas?) A vida do povo (na sua comunidade, como vive a mulher? como vivem os velhos? e a mulher do emigrante? quantos emigraram? a que horas se levantam na aldeia? que comem? quem assiste os velhos e crianças? como vivem as viúvas? como vivem os deficientes? qual a condição dos animais domésticos? há pássaros em gaiolas? quem es teve preso na aldeia? quem está desempregado? quem tem transporte próprio? e máquinas agrícolas? há cooperativas? de produção ou consumo?) etc.

Um guia pormenorizado para cada aula, indicando outras sugestões de diálogo, pode ser enviado a quem o pedir. Cada cartilha deve ser usada, de preferência, com um conjunto de diapositivos coloridos (acompanhados de um texto de apoio) ou com uma exposição-biombo (em vias de execução, pelo I.T.E.). Escreva-nos.

Este método filia-se na obra de Paulo Freire. Para ele e colaboradores, o nosso preito e afecto.

Antes de terminar, queremos agradecer, em particular, a três Fernandas (Torres, Saboga e Oliveira), que leram e comentaram o texto, e sobretudo ao admirável povo de S. João do Campo, cuja luta diária inspirou esta cartilha.

Agora mãos à obra: alfabetizar é dar força ao povo e é prepará

-lo para estar a postos. "A luta continua".

S. João do Campo, 1975

Bibliografia inicial:

- 1 - um atlas escolar;
- 2 - um dicionário (de preferência enciclopédico);
- 3 - um prontuário de ortografia, actualizado;
- 4 - algumas obras de Paulo Freire (por ex: "Educação para a liberdade", Porto, Textos Marginais, 1974, "Pedagogia do oprimido", Porto, Afrontamento, 1975).
- 5 - Equipamento áudio-visual, Lisboa, I.T.E., 1975

texto de judith cortesão

imagem: i.t.e., m.c.s., jornal o emigrante, unesco

edição de: i.t.e., 1975

distribuição de:

instituto de tecnologia educativa

rua florbela espanca - lisboa 5

telefone: 76 54 92

CD25A

cartilha

texto de judith cortesão

imagem: i.t.e., m.c.s., jornal o emigrante, unesco

edição de: i.t.e., 1975

distribuição de:

instituto de tecnologia educativa

rua florbela espanca - lisboa 5

telefone: 76 54 92

CD25A

cartilha



o

o povo

i

viva

a

viva

CD25A

viva

viva o povo



e

u

pé pó pá pai

pau
pua

pipó
pipa

pu

pa

papão

pi

po

o pão

a paz

viva a paz

CD25A



va ve vi
vo vu

da de di
do du

vida

avó
avô

viúvo
viúva

pavão

vau
via

pau
piu

pavio

dedo

dado

dó

a vida da viúva

a vida do povo



lu

luta

ta

ló

ali

lá

lata

tala

lua

leão

leilão

leitão

dália

tília

tolo

pelo

tola

pela

vale

vela

o povo luta pelo pão



sol

sal
tal

papo
popa
sapo
sopa
liso
alisado

só

sala
sela
sola
silo
asilo
asilado

asa
desasado

esse
essa

passo
passado

vosso
vossa

todo

todos

tudo

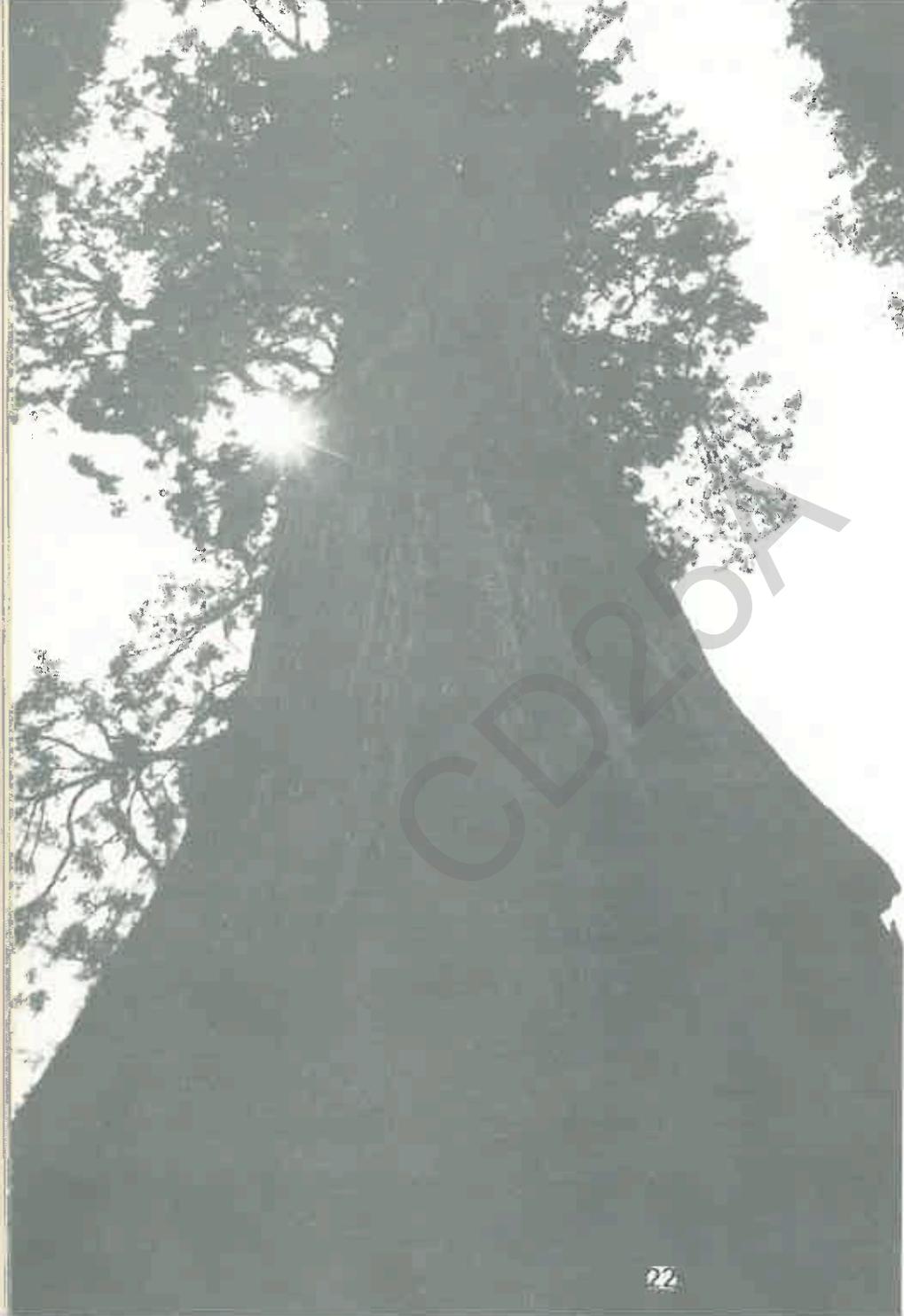
toda

todas

o povo luta de sol a sol

o sol dá a vida

o sol é de todos



CD2101





água

égua

igual

iguais

águia

gato

gola

gata

gula

gelo

geada

gibão

tigela

giesta

gigante

já

nó

janela

janota

ginete

neto

nota

neta

névoa

nódoa

tona

dona

tonel

união

dono

tonelada

não nada

dano

anel

a água dá a vida

pano

a água é só de alguns

a água não é de todos







terra

eira
leira

rio
rato
nora
par
pardo

caco
taco

moca
moça

céu
ceia

ria
rola
ouro
ardor

cada
cadeira

serra
terreno
arre
are

réu
rosa
touro
ar
nardo

cavalo
cavaleira

côr
açôr
açorda

risa
roseira
tourina
dor

caca
caça

serrador
aterro
irra
ira

ruela

dar
dardo

canela
cadela

maca
maça

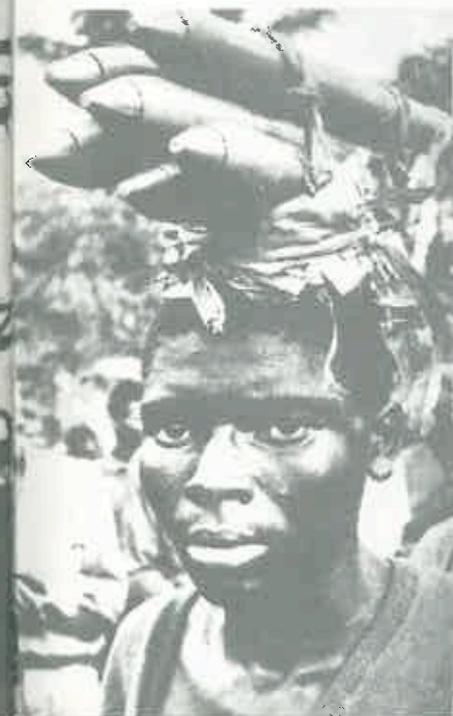
cima
cimeira

a terra dá a vida

a terra ainda não é de todos

o povo luta pela terra







mãe

meu
amor
amo

camelo
cama

gemada
gema
mola
mó
mata
má
embala
entala
ampara
encara
embora

mão

namoro
namorado

temo
temor

boca

cabo
loba
bala
bolo

cabana
cabaz
cabanaz

miau
miolo
mau

xaile
enxame

cheia

cheiro
chá
chaleira
chinelo
charrua
chilreio

tacho
cacho
borracho
cachopo

caixa
lixo
luxo

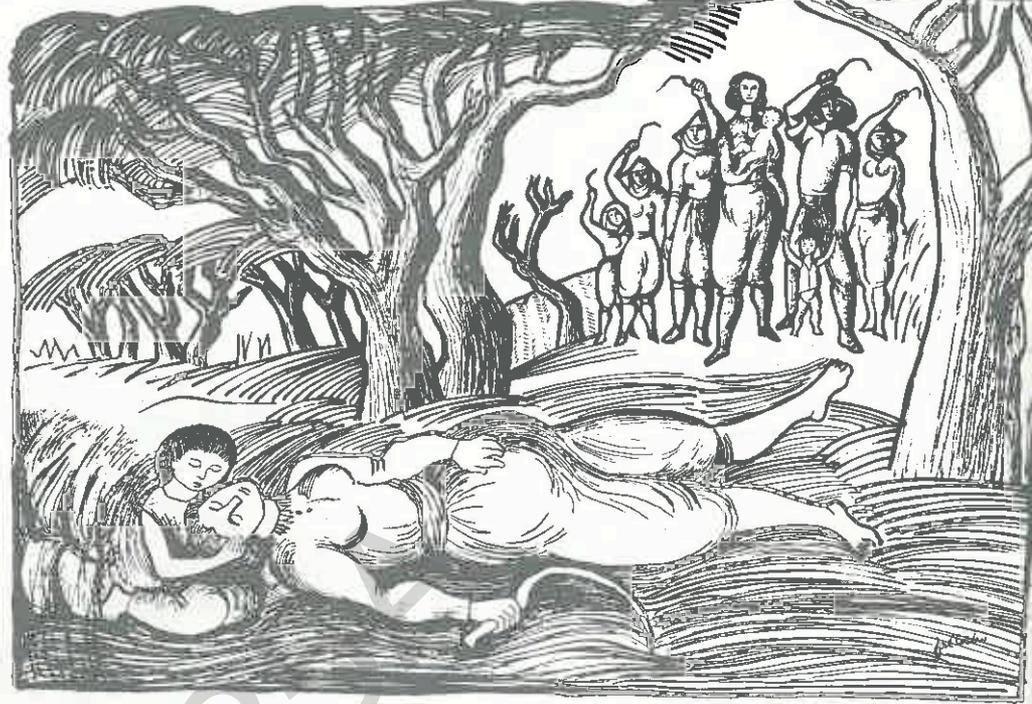
todos somos iguais como gotas de água

a gota unida à gota é rio, é água de cheia

unido o povo governa e apeia







homem

hora
hoje
ninho
ninhada
caminho
caminhada

querido
querida
mal-me-quer
bem-me-quer

azeite
azeitona
azougue

força

café
faca
fonte
funda
chafariz
chanfana

braço
abraço
abraçado

branca
franja
trança

zumbido
zanga
zebra
zás

mulher

filho
filha
afilhado
afilhada
velha
velhinha

cabra
cabrito
cabresto

que
qual
quem
quando

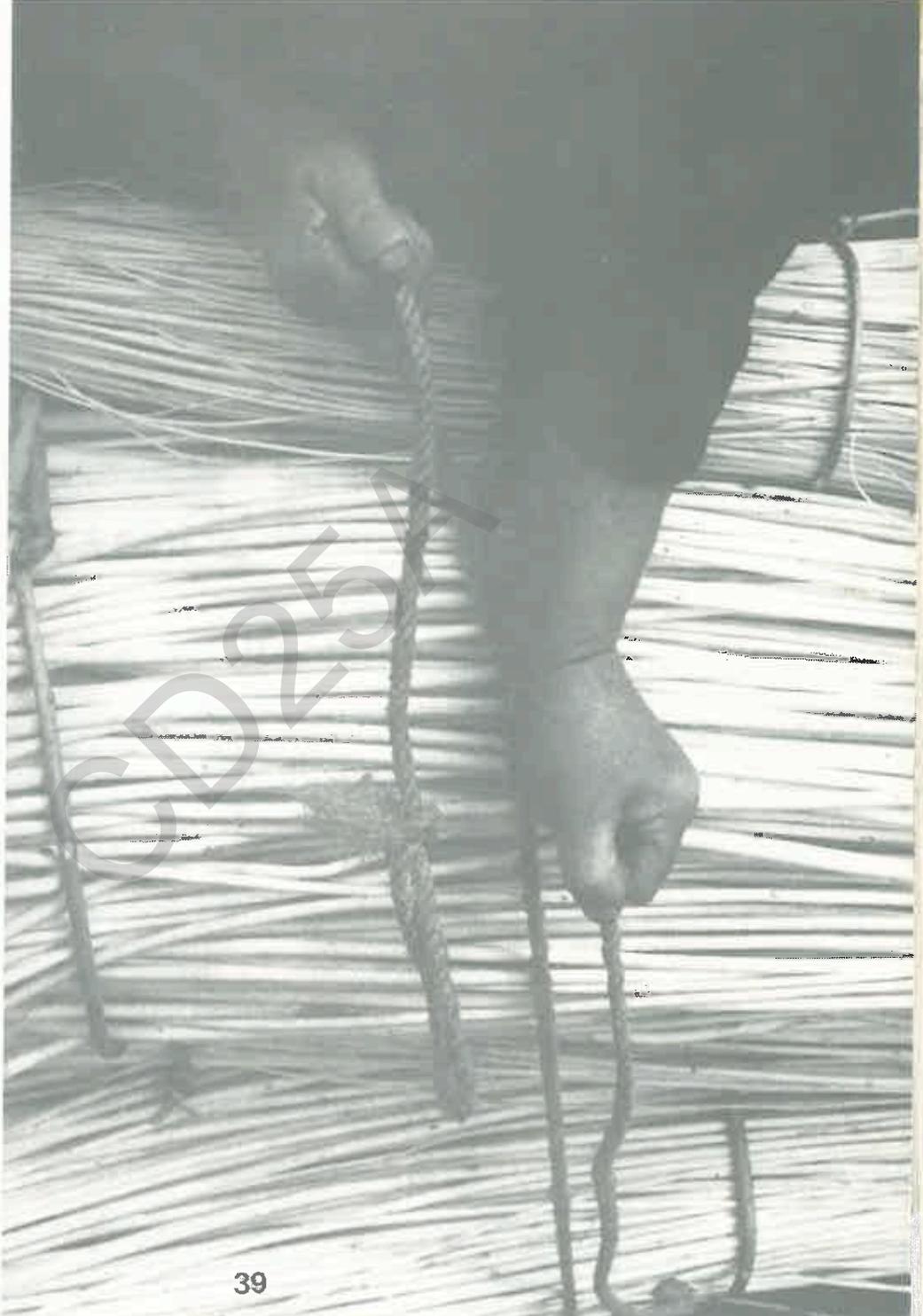
exame
exacto
exílio

a união faz a força

unidos seremos livres da miséria, da
ignorância, da opressão, do temor

todos juntos lutemos pela terra pelo pão, pela paz







O CAMPO E A FÁBRICA

O homem trabalha o dia inteiro nos campos, no mar ou na fábrica. Todos labutam em casa: avós, pais, filhos e filhas e até os mais pequenos. «O trabalho do menino é pouco, mas quem o perde é louco». Abalam de madrugada sem beber sequer uma tigela de café e depois enxameiam cada qual para a sua banda. Cada um, à sua maneira, esgravata para a passagem da vida. Ao meio-dia comem broa e azeitonas, sardinha assada ou chicharro frito. Chanfana, só na festa das colheitas, que o campo custa a dar.



Com os homens nas fábricas — e sobretudo com a ausência de tantos que fugiram à miséria e emigraram para longes terras, deixando atrás de si a longa saudade da espera — grandes leiras de terra estão em pousio (à falta de braços) e mais estariam se não fora a mulher. A mulher do povo não tem luxo; com um nada se enfeita; nem tempo tem para ficar doente — cuida do homem, da casa, dos filhos, do gado, da broa, da comida, da roupa e da lavoura.

A mulher é que aguenta o campo.



CD25A

Lá vai ela para a lida, com os cachopos. Descubram-se ao vê-la passar: é ela quem nos dá de comer.



NENHUM HOMEM É UMA ILHA

**Juntos estaremos nos campos, nas fábricas, na paró-
dia, na aula nocturna.**

**Todos nós somos iguais, no nascimento e na morte
— mas também no amor.**

**Todos nós somos iguais. Todos nós temos direito
à terra e ao trabalho, à instrução, à saúde, à velhice,
ao recreio, ao desporto, à casa, o direito de criar
coisas belas — o direito à própria vida.**



A luta em que estamos empenhados começou há muito tempo. Muitos deram a vida nessa luta.

Com acções (não com palavras) recordemos alguns deles, e aquela mulher do povo, a que gritou para sempre: «Mais vale morrer de pé do que viver de joelhos».

Muitos outros, velhos, novos, aos milhares, por toda a terra, sofreram prisões, tormentos, perseguição e desterro.

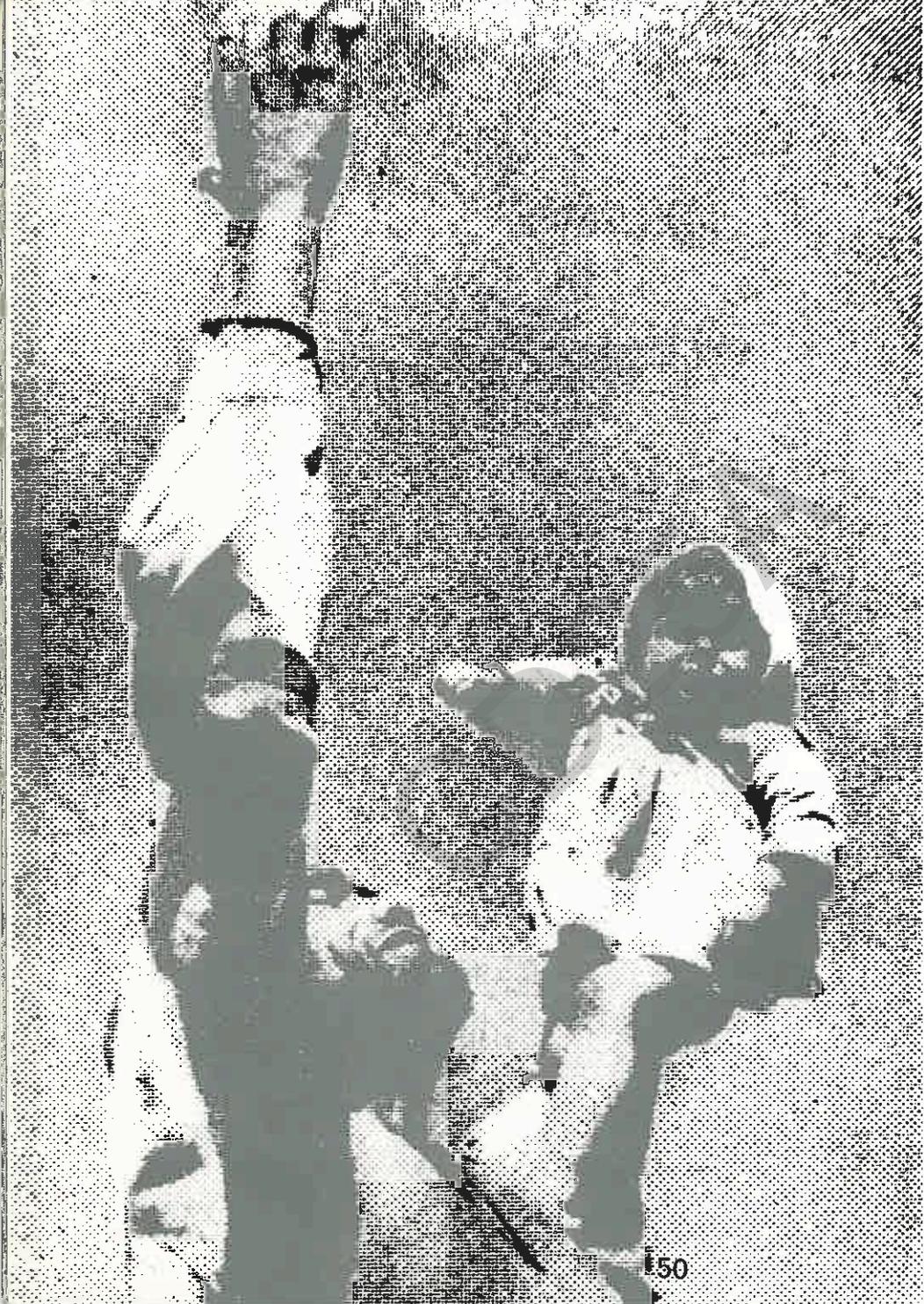
No dia 25 de Abril de 1974, o M. F. A. desterrou o governo da ditadura. Três dias depois, abriram-se as prisões que encerravam as suas vítimas e, para estas, acabaram-se as torturas.

É preciso não esquecermos os nossos irmãos que ainda sofrem, pelo mundo fora, o mesmo destino.

É preciso apagarmos a mancha da tortura da face da terra.

É preciso, sobretudo, não esquecer:

**PARA PERMANECERMOS LIVRES É INDISPENSÁVEL
CONTINUARMOS INCANSÁVELMENTE VIGILANTES.**



VIVA O POVO! VIVA A PAZ!

A vida do povo é a luta pelo pão.

O povo luta de sol a sol. O sol dá a vida. O sol é de todos.

A terra também nos dá a vida. Mas a terra ainda não é de todos: o povo luta pela terra, pela justiça e pela igualdade.

Todos somos iguais como gotas de água. A gota, unida à gota, é rio, é água de cheia: o povo unido governa e apeia.

A união faz a força: todos juntos lutemos pela terra, pelo pão, pela paz.

Unidos conquistaremos a nossa liberdade — e os povos, a sua independência, «pois só o homem livre é digno de ser homem».

Unidos olharemos para a frente:

— falta-nos agora construir o futuro! —

VIVA O POVO!

CD25A

Nº de Ed. - 3

Composto e Impresso

no

Instituto de Tecnologia Educativa

Lisboa, Setembro de 1975

5 000 exs.



CD25A



CD 201